

# O imperador da Ursa Maior

CARLOS EDUARDO NOVAES

*Ilustradora:* LÚCIA BRANDÃO

O texto ficcional desta obra é o mesmo das edições anteriores

O imperador da Ursa Maior

© Carlos Eduardo Novaes, 1999

DIRETOR EDITORIAL · Fernando Paixão

EDITORA · Gabriela Dias

EDITOR ASSISTENTE · Fabricio Waltrick

APOIO DE REDAÇÃO · Pólen Editorial e Kelly Mayumi Ishida

COORDENADORA DE REVISÃO · Ivany Picasso Batista

REVISORA · Camila Zanon

## ARTE

CAPA · Exata

PROJETO GRÁFICO · Tecnopop

EDITORA · Cintia Maria da Silva

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA · Zin Pan e Exata

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS - RJ

N815i

3.ed.

Novaes, Carlos Eduardo, 1940-

O imperador da Ursa Maior / Carlos Eduardo

Novaes ; ilustrações Lúcia Brandão. – 3.ed. - São Paulo :  
Ática, 2006

240p. : il. - (Sinal Aberto)

Apêndice

Inclui bibliografia

Contém suplemento de leitura

ISBN 978-85-08-10660-8

1. Violência - Literatura infantojuvenil.
2. Igualdade - Literatura infantojuvenil. I. Brandão, Lúcia, 1959-. II. Título. III. Série.

06-3019.

CDD 028.5

CDU 087.5

ISBN 978 85 08 10660-8 (aluno)

CL: 735393

CAE: 210561

2019

3ª edição, 10ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

www.coletivoleitor.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



## Classe social × amizade

Julinho é um jovem de **classe média alta**, e seu pai é dono de uma próspera fábrica de colchões. Miquimba é um **garoto que mora nas ruas**, que disputa restos no lixo e briga por melhor espaço na calçada com mendigos, loucos e outros sem-teto. Os destinos deles se cruzam quando Julinho é assaltado por Miquimba, que leva seu par de tênis importado. Mais uma cena comum de cidade grande, se não fosse o desfecho inesperado do caso: os dois adolescentes se tornam amigos.

Mas é possível nascer uma **amizade** pura e forte entre um jovem rico e um garoto de rua? As afinidades que descobrem entre si serão suficientes para vencer o **abismo social**, econômico e cultural que os separa? Julinho percebe muitas

qualidades no novo amigo — que tem uma relação muito forte com as estrelas, cujos nomes sabe de cor —, porém depara com todo tipo de **preconceito** e hostilidade ao tentar mostrar que Miquimba, apesar da sua condição, merece respeito e consideração.

Com sensibilidade e afiado senso crítico, Carlos Eduardo Novaes explora as **fronteiras** entre os **dois mundos** nesta história envolvente. No fim do livro, você poderá saber um pouco mais sobre o autor em uma entrevista exclusiva.

### Não perca!

- *Duas realidades diferentes, separadas pelo abismo da desigualdade social.*
- *A história de uma amizade que supera preconceitos.*



*Agradecimentos:*

*Márcia Julião, delegada de polícia*

*Órmis Durval Rossi, astrônomo*

*Fernando Vieira, astrônomo*

*Marcomede Rangel Nunes, escritor e astrônomo*

*Walter Tainha, pescador*

*Maria Lúcia Kamache, ex-diretora do Centro*

*Municipal de Atendimento Social Integrado*

*(CEMASI) Ayrton Senna*





*Quem não conheço é meu inimigo.*

Mário Miquimba



# 1



Julinho chegou da aula de jiu-jítsu, subiu direto à cobertura do apartamento duplex e parou a uma curta distância dos pais, sentados à mesinha junto à piscina iluminada. A noite abafada convidara o pai a um mergulho após a jornada de trabalho, a que se seguia uma refeição ligeira na companhia da mãe. O garoto vestia a roupa de todos os dias — boné com aba para atrás, camiseta, mochila, calças folgadas —, mas um observador atento logo perceberia que lhe faltava algo: os calçados.

Vera não o via desde o café da manhã e perguntou, roendo uma asa de frango, como fora seu dia. “Quase normal”, respondeu o garoto, usando de uma fina ironia que passou despercebida.

— Quer comer alguma coisa, filho?

— Tô sem fome, mãe. Matei um sanduba na rua.

Alberto, enrolado num roupão branco, afastou os dentes da coxinha segura entre as mãos e repreendeu-o:

— Não seria mais adequado dizer “comi um sanduíche”?

— Tô sem apetite, mãe — repetiu. — Ingeri um sanduíche na via urbana.

Julinho provocava o pai, que mal desviou o olhar do prato à sua chegada. A provocação dissimulada era uma

das táticas preferidas de guerrilha familiar no confronto não declarado com Alberto, em constante desacordo sobre sua forma de viver e pensar o mundo.

O garoto permanecia ali, imóvel, expondo-se como um manequim de vitrine e nem Vera nem Alberto percebiam seus pés descalços. Entre dentadas e comentários tão triviais quanto o repasto a mãe anunciou uma surpresa, mas antes que pudesse dizê-la o filho agitou os dedos do pé acenando para sua desatenção.

— Você está sem sapatos, filho! Que houve?

Julinho esboçou um sorriso sarcástico, agradecendo enfim pela observação, fixou o polegar esquerdo na palma da mão direita e girou os dedos no clássico gesto que significa “roubo”. Vera pulou da cadeira:

— Meu Deus! Você foi assaltado!

— De novo? — reagiu o pai largando o osso e chupando os dedos.

— Foi agora? Como? Onde? Fala! Diz!

— O pivete me abordou ali na ciclovia da Lagoa e com uma faca nas mãos mandou que eu tirasse o tênis.

— Tênis? Aquele tênis que eu trouxe dos Estados Unidos mês passado? — assombrou-se o pai. — Que custou uma fortuna...?

O garoto concordou com a cabeça, sem dizer palavra, sem alargar os gestos, represando emoção. Era o terceiro assalto que sofria e, para quem acabara de ver o brilho de uma lâmina espetando-lhe as costelas, demonstrava uma tranquilidade irritante. Talvez por entender que os assaltos são parte da rotina da vida. Talvez por desconhecer o preço de um tênis Platinum, de série limitada.

Vera correu-lhe as mãos pelo rosto, meio carinho, meio inspeção:

— Você se machucou?

— Por que não deu um golpe no moleque? — interveio o pai.

— Como você diz um absurdo desses, Alberto?

— É pra isso que ele aprende jiu-jítsu!  
— O ladrão estava armado. Você não ouviu?  
— Então ele devia ter corrido!  
— Podia ser pior.  
— Um galalau desses, maior que eu, o pivete não iria alcançá-lo.

— Numa situação dessas é melhor obedecer sem reagir.  
Julinho tornava-se espectador da sua própria cena. Enquanto os pais discutiam o melhor comportamento a seguir diante de um assaltante empunhando uma arma branca, ele revia seu algoz na telinha da imaginação. Uma visão parcial, encoberta pelas sombras da noite que não lhe permitiam distinguir outros traços além dos olhos verdes e a cara de lua cheia. O garoto já o percebera antes, no mesmo local, sempre sozinho, a olhar o céu, distraído demais para infundir temor aos passantes. Desta vez, o mulato alto e magro como Julinho fazia-se acompanhar por um bando de meninos maltrapilhos que, bem mais baixos, lembravam jogadores de um time infantil à volta de um treinador adulto. O garoto surpreendeu-se com a abordagem, é fato, mas muito mais com o comportamento do assaltante que parecia ensinar aos pirralhos o modo correto de praticar um assalto.

— E vai ficar por isso mesmo? — a voz de Alberto adquiriu um tom de afronta.

Julinho respondeu com um leve movimento de ombros murmurando por entre os dentes: “Deixa pra lá, pai”. Foi a centelha que faltava para Alberto pôr sua raiva em movimento:

— Deixa pra lá? Você fala assim porque o dinheiro não sai do seu bolso. É por isso que a violência não diminui. Ninguém dá queixa. Ninguém faz nada. Todo mundo deixa pra lá! Eu não vou deixar! — e repetiu escandindo as sílabas: — Não vou deixar!

O garoto ouviu-o impassível, sem autoridade para contestá-lo, mas Vera reagiu chamando o marido à razão:

— Alberto! Você não vai sair por aí feito um maluco por causa de um par de tênis!

— Podia ser um grampo! — esbravejou. — De hoje em diante vou atrás do que é meu, seja lá o que for. Não aguento mais ser saqueado por essa bandidagem. Já foi carro, relógio, bolsa, rádio...

Alberto ajeitou-se na cadeira e assumindo ares de delegado de polícia espetou o dedo indicador na mesa perguntando ao filho em que ponto da ciclovía exatamente ocorreu o assalto. Julinho preferiu baixar os olhos e continuar em silêncio que ele conhecia muito bem o temperamento do pai e não queria vê-lo envolvido em mais violência. Alberto aguardou a resposta e sem obtê-la ergueu-se impetuoso:

— Muito bem! Você não diz mas eu vou descobrir. Vou à Polícia, à Interpol, ao Exército, onde for preciso, mas vou trazer esse tênis de volta ou não me chamo Alberto Calmon! De agora em diante vai ser na lei do cão!

Amarrou a cinta do roupão, enfiou os pés na sandália e afastou-se decidido, carregando seu prato cheio de ossos de galinha.



A surpresa proclamada pela mãe revelou-se por conta própria. Logo que Alberto desapareceu pela escada ouviu-se o fragmento de uma ária vindo dos aposentos do andar de baixo. Vera estendeu o braço na direção da voz.

— Reconhece a soprano?

— Vó?!? — o garoto iluminou-se e disparou ao encontro de sua avó, sua querida avó a quem não via havia cinco anos.

A velha saudou-o abrindo os braços — Julinho, *figlio mio!* — E ele, curvando-se, enlaçou-a num prolongado abraço de infinitas saudades. Nem sentiu, quando ela, desequilibrada, pisou-lhe os pés descalços.

O amor do garoto pela avó desdobrava-se muito além de um sentimento de família. Resultava de uma mistura de afetos, identificação, encantamento e nem seria de acrescentar que tal ligação fortalecera-se no dia a dia da convivência: ao longo de sua curta existência Julinho não esteve com ela mais vezes do que diante dos assaltantes. Suas intermináveis histórias, porém, contadas e recontadas nas reuniões familiares, desde que o garoto nasceu, engrandeceram-na na imaginação dele, convertendo-a numa espécie de lenda viva, ela, Elizabeth Ferrucci de batismo, Lili Ferrucci de profissão ou simplesmente Lili em família, que voltava da Itália após enterrar o quinto marido.

— Mamãe disse que você ia chegar semana que vem.

A passagem estava marcada, a viagem anunciada, mas Lili era uma imprevisível como toda prima-dona, aposentada que seja. Confirmou a missa de sétimo dia, largou os papéis do finado nas mãos de um advogado amigo e embarcou no primeiro avião justificando que “Perúgia sem meu Vitório não faz sentido”. Baixou a cabeça contrita mas reagiu em seguida empinando o rosto, teatral, e puxando pelo neto:

— Vamos falar da vida, antes que a morte se lembre de mim, *figlio*. Do amor, da alegria, da juventude! Fale-me de você! Já marcou o casamento?

Julinho sorriu ao ver confirmado tudo o que se contava sobre a velha: ela dizia o que lhe vinha na cabeça.

— Ainda vou fazer 17 anos, vó!

— E daí? Eu tinha 16 anos quando botei véu e grinalda pela primeira vez!

Lili casou-se com um maestro trinta anos mais velho, que a iniciou no canto lírico e provocou uma crise na família Ferrucci. Menos pela diferença de idade entre eles do que pela determinação de Lili em seguir a vida artística em tempos que o palco era tido como espaço profano. Quando o maestro bateu as batutas, Lili, ainda

jovem, deixou-se vencer pelas pressões e trocou o belo canto pelas prendas domésticas: uniu-se a um rico fazendeiro baiano que não conseguiu plantá-la no campo. Depois de dois filhos — Alberto e Sônia — e oito anos de união, Lili apaixonou-se perdidamente por um tenor italiano, largou tudo e se mandou com ele para a Europa. Retomou seu sonho, fez carreira a partir de Bayreuth, ganhou fama como soprano wagneriana — sua Sieglinde de *A valquíria* era incomparável —, reconciliou-se com os filhos, casou mais três vezes, perdeu fortunas nos cassinos, nas paixões, deixou o palco aclamada e passou a ensinar canto. Não pretende, como muitas outras, escrever sua biografia.

— Se contasse tudo, iria provocar uma terceira guerra mundial!

O garoto ficava fascinado com os comentários da avó, impregnados de liberdade e rebeldia, uma combinação que lhe parecia inacessível, a ele que resumia suas transgressões a uma aba de boné às avessas. A velha perguntou se havia ao menos uma senhoria a ocupar-lhe o coração que para ela a vida sem amor “é como um jardim zoológico sem animais”. Julinho se disse sozinho.

— Mas tenho uma grande paixão, vô!

— Quero conhecê-la!

— Ela nem sabe que existo — respondeu lamentoso. A velha soltou uma sonora gargalhada:

— Você está apaixonado só de olhar? É bem neto da sua avó!

Julinho envaideceu-se, honrado com a semelhança, e Lili, no embalo da risada, abriu o peito e cantou um trecho da ópera *Carmem*, que deve ter varado os ouvidos da vizinhança. Era impressionante o vigor e o colorido de sua voz, ajustada à expressão dramática e à harmonia de gestos e postura. Usava salto alto, pisava firme e até bem pouco tempo deixava a todos boquiabertos ao transpor a perna por cima do espaldar da cadeira. Lili aproximava-se dos 80 anos, mas a índole indomável, a vitalidade mental,

a alegria de viver enfim, somadas a uma dezena de plásticas que — mexericos de família — sumiram-lhe com o umbigo, faziam dela uma mulher sem idade.

Quis saber mais do neto. Alberto dissera que Julinho iria cursar administração para assumir a direção da fábrica, como herdeiro natural. O garoto porém não tinha sequer cacoete de empresário, faltavam-lhe liderança, capacidade de comunicação, espírito empreendedor e acima de tudo sentido de equipe. Era filho único, cresceu virado para dentro, dialogando com seus botões, o que lhe deu densidade interior, mas reduziu-o a um cavaleiro solitário indiferente a turmas e tribos. Lili lembra-se do neto aos 5 anos pedindo-lhe um irmãozinho da Itália. Aos 9 anos o garoto queria porque queria que a mãe adotasse o filho da passadeira, parceiro dileto das brincadeiras domésticas. A solidão porém perseverou como única companheira, Julinho acostumou-se com ela e os dois juntos encaminharam seus projetos para uma atividade singular.

— Gostaria de fazer uma escola de artes, vó. Não posso embarcar nos planos de papai. Quero ser igual a você que desafiou meio mundo para realizar seus sonhos.

A velha puxou um longo suspiro e revirou os olhos como que recordando seus embates.

— Isso tem um preço, *figlio*. Tá disposto a pagar?

— Pode ser com cheque pré-datado?

O senso de humor do garoto não ficava devendo ao da velha, nisso eram parecidos. Lili deu um soco no ar e gritou como um general às suas tropas:

— Vá em frente! Persiga seus sonhos, *figlio*. Corra atrás de suas verdades! O homem pobre não é aquele sem dinheiro, mas o que não tem sonhos!

Julinho olhou para os pés descalços e por alguma razão pensou no tênis, apenas um calçado para ele, talvez um pequeno sonho para o pivete. Estranho pensamento.

## 2



— Aqui está seu tênis!

Alberto fez questão de almoçar em casa, contrariando seus hábitos, para alardear o troféu à família. Balançou-os pelos cordões por alguns segundos e jogou-os em cima da mesa, sob o olhar estupefato da mulher, da mãe e do filho. Em seguida entronizou-se na cabeceira e com o peito inflado de orgulho sentenciou:

— Agora vai ser assim! — e pontuou a frase com um murro na toalha que desceu sobre os dentes do garfo, atirando-o longe. — Vou buscar o que é meu nem que seja no inferno!

Vera retirou o tênis sujo da mesa, assumindo a expressão de nojo de quem pega um gato morto pelo rabo e passou-o ao filho que segurou um pé em cada mão e observou-os com atenção.

— Pode examinar — disse o pai, seguro da façanha.

Era mesmo o tênis roubado. Um pouco mais castigado, é verdade, pelos três dias que deve ter rodado ininterrupto nos pés do assaltante, mas não havia dúvida de que se tratava do tênis de Julinho, um tênis modernoso que mais lembrava um calçado de astronauta, produzido por uma pequena fábrica de Chicago e somente encontrado nos Estados Unidos e no Canadá. O garoto largou-o no

chão, sem entusiasmo, e lançou a pergunta que dançava na cabeça de todos:

— Como conseguiu recuperá-lo, pai?

— Digamos que para um bom detetive uma única pista basta.

— Você foi atrás do pivete?

— Tenho mais o que fazer na vida, Vera! — respondeu evasivo.

Alberto não tocara mais no assunto desde a noite do assalto, mas ninguém o imaginou esquecido, que ele era um homem de determinação férrea, desses movidos a persistência. Não fosse assim não teria se casado com Vera que, ao se conhecerem, passou dois anos lhe dizendo “não!”. Nem teria transformado sua fábrica de colchões, que adquiriu falida e desativada, na maior do Estado. Alberto era o que se poderia chamar de “osso duro de roer” e degustava sua vitória, comendo triunfal, esquivando-se das perguntas com a perícia de um toureiro.

— Vai contar ou não vai? — Vera deu um ultimato.

— Digamos que contratei um Sherlock tupiniquim para fazer o serviço — reagiu entre sério e jocoso.

— Onde ele pegou o assaltante? — a velha quis saber.

— Bem, mãe, o criminoso sempre volta ao local do crime — pontificou abrindo um largo sorriso.

Alberto saía pela tangente, driblando as perguntas. Preferia receber a admiração geral por ter levado a cabo com sucesso uma empreitada de alto risco. Como, porém, os elogios não chegaram, sentiu-se desobrigado das respostas. Ou talvez preferisse assim.

•

Julinho dispensou a carona do pai e decidiu seguir de ônibus — sem o tênis que a mãe resolveu desinfetar — para o curso de inglês. Considerando-se que nas sociedades competitivas a adolescência tornou-se uma fase de investimento familiar, o garoto depois prosseguiria para a

aula particular de matemática, em seguida para a academia de jiu-jítsu, dando graças a Deus por não ter que encarar sua fonoaudióloga. “Tudo um saco!”

De todas as atividades que lhe enchiam as horas, entregava-se com prazer apenas às aulas de desenho, uma ocupação que buscou por conta própria, incompreensível aos olhos do pai. Como também não era dia de exercitar sua vocação, o garoto abandonou o tatame mais cedo e foi espreitar sua paixão na pracinha do Jardim Botânico, uma paquera meio maluca — reconhecia — que se arrastava havia dois meses, platônica e contemplativa.

Julinho sabia exatamente a hora — com precisão de minutos, talvez — que a menina atravessava a praça de volta da sua aula de dança. Sentava-se no banco, sempre o mesmo banco, que lhe oferecia o melhor ângulo, e permanecia em tensão crescente até o momento em que ela despontava na esquina, quando seu corpo estremecia sem controle e ele se perdia na afetação. Fazia poses, abria um livro, fingia desenhar, exibia-se reflexivo, e ela passava, e ele torcia para que ela avançasse lenta como um trem de carga, e ela passava ligeira feito uma gazela e seguia olhando reto e ele a admirava e não acontecia nada, absolutamente. Aqueles miseráveis minutinhos no entanto funcionavam como um combustível a abastecer a paixão e alimentar suas fantasias.

O garoto a viu pela primeira vez dentro de uma papelaria na galeria próxima à pracinha. Ao girar no balcão para se dirigir ao caixa, distraído, deu uma trombada na menina que deixou cair sua sacola de compras. Pediu desculpas, sem notá-la, abaixou-se cortês e seus olhos deram de cara com os pés dela, expostos numa sandália de tiras, frescos, delicados, dedos proporcionais, um mindinho comportado e alinhado com os demais, unhas tratadas e definidas, pés que lhe pareceram esculpidos à mão.

Tateou pelo chão, apanhou a sacola e foi-se pondo ereto lentamente para que seus olhos pudessem passear pelas curvas que se seguiam àquela base formidável. Percebeu-lhe o tornozelo consistente, as pernas carnosas, o arco perfeito dos quadris, os seios empinados, um pescoço esguio e nobre, até chegar ao fim da linha onde um rosto lúcido e sorridente o aguardava para agradecer e bater em retirada conduzindo a irmãzinha pela mão. Não havia nela nenhum atributo especial que merecesse inscrevê-la num concurso de miss, mas alguma coisa revolveu as entranhas do garoto fazendo-o experimentar uma sensação única e desconhecida. Inexplicável essa emoção que desce feito um relâmpago a despertar desejos e interesses por imagens vazias, sem alma, sem cérebro. Julinho permaneceu paralisado, olhando para o espaço deixado pela menina.

Ao decidir ir atrás dela, a vendedora o deteve para pagar a compra e apanhar seu material de desenho esquecido sobre o balcão. Julinho ainda correu pela galeria a tempo de ver o andar altivo da menina dobrando a esquina, mas ao chegar à pracinha ela e a irmã já haviam se dissolvido no ar. O segurança bancário não sabia informar, o empalhador muito menos; o garoto sentou-se num banco, atordoado, e pôde ouvir claramente a voz do seu coração descompassado declarar solene: estou apaixonado!

Para Julinho, estar apaixonado por uma figura feminina desconhecida significava pensar nela várias vezes ao dia, e se possível fixá-la, em partes ou no todo, no papel. Seu rosto, seus seios, seus pezinhos no entanto nem sempre encontravam-no de lápis em punho; surgiam imagens fracionadas em momentos improváveis e o garoto se rendia, deixando-se levar pela correnteza das lembranças repetitivas e silenciosas.

Julinho voltou a sondar a área, da praça à galeria, tal um batedor atrás de pegadas e, apesar da completa ausência de vestígios, não desistia da busca. Não podia deixar

escapar alguém que disparara o alarme do seu coração. Desistir talvez significasse nunca mais voltar a vê-la e renunciar em definitivo a esse arrebatamento especial que toca as pessoas com a frequência de um grande prêmio da loteria. O garoto lembra uma das histórias que ouvia sobre sua avó: um espectador no camarote da Ópera de Budapeste encantou-a de tal forma que ao final do espetáculo ela mandou chamá-lo a seu camarim e disse-lhe: “Você não pode me alcançar na medula e depois sumir da minha vida como se nada tivesse acontecido”. O espectador tornou-se o terceiro marido de Lili. Para o garoto a menina não era igual às outras, a nenhuma outra em que tenha pousado seu olhar atento e sensível. Lembrando dela chegava a pensar em predestinação.

Acabou recompensado pela insistência. Uma tarde, dentro do ônibus, viu-a concluindo a travessia da pracinha, uma visão efêmera, quase um cometa, suficiente porém para sugerir-lhe uma pista. Nas tardes seguintes, à mesma hora, acomodou-se no banco e esperou, como um dever de ofício. Aconteceu então que no décimo dia, vigilante como um farol, girou a cabeça e percebeu as luzes da menina a uns trinta metros, navegando na sua direção.

Julinho sentiu a borboleta batendo asas no peito, o ar tornou-se rarefeito, teve ímpetos de gritar da gávea de seu coração: amor à vista!, mas a timidez deu-lhe uma chave de braço imobilizando-o no banco e só lhe restou esperar que a menina o reconhecesse da colisão na papelaria. Reuniu seus cacos de coragem e quando a menina avizinhou-se olhou-a com um pálido sorriso, congelado pela indiferença: ela passou direto, como se passa por desconhecidos, a revelar que o abalroamento na loja não lhe causara nenhuma moosa nas emoções. O garoto seguiu-a com o olhar vencido, vendo-a desaparecer no prédio cinza defronte à praça.

Um adolescente atirado não perderia a chance de abordagem. Teria pronta a pergunta para pular no convés da